World Council of Churches

HIV, migração e deslocamento forçado

O que as igrejas podem fazer?

Sue Parry

HIV, migração e deslocamento forçado

O que as igrejas podem fazer?

Sue Parry

World Council of Churches

HIV, migração e deslocamento forçado
O que as igrejas podem fazer?
Sue Parry

Copyright © 2026 WCC Publications
Todos os direitos reservados. Esta publicação pode ser reproduzida em inglês com o reconhecimento total da fonte. Nenhuma parte da publicação pode ser traduzida sem permissão prévia por escrito de sua editora. Para autorização, contatar publications@wcc-coe.org.

A WCC Publications é o programa de publicação de livros do Conselho Mundial de Igrejas. O CMI é uma irmandade mundial de 352 igrejas membros que representa mais de meio bilhão de Cristãos e Cristãs em todo o mundo. O CMI exorta suas igrejas membros a buscar a unidade, um testemunho público comum e o servir ao próximo em um mundo onde a esperança e a solidariedade são as sementes da justiça e da paz. O CMI trabalha com pessoas de todas as religiões que buscam a reconciliação como forma de alcançar a justiça, a paz e um mundo mais equitativo.
As opiniões expressas em publicações da WCC Publications são de responsabilidade de quem as exprime.

As citações das escrituras são da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®, NVI®
Copyright © 1993, 2000 Biblica, Inc.® Citações utilizadas com permissão.

Esta publicação foi possível graças a subsídios da Evangelische Mission Welweit-EMW (Associação de Igrejas Protestantes e Missões na Alemanha).
Produção: Lyn van Rooyen, coordenadora, WCC Publications
Capa: Juliana Schuch
Design e tipografia: Juliana Schuch
Crédito da Foto: Sue Parry
ISBN: 978-2-8254-1932-8
eBook ISBN: 978-2-8254-1933-5

Conselho Mundial de Igrejas
42 Chemin du Pommier, Caixa Postal 2100
1211 Geneva 2, Suíça
www.oikoumene.org

Contents

Prefácio 1

Agradecimentos 1

Capa 1

Introdução 3

Quando a grama do vizinho não está mais verde, mas sim em chamas, a igreja pode fazer a diferença 4

Por que as igrejas devem se envolver? 4

Parte 1: Informativo técnico 6

- Pessoas em deslocamento: quem, por que, de e para onde e o que vem depois? 6
- A dimensão do problema 7
- Causas: fatores de repulsão e atração 7
- Rotas e destinos 7
- O que vem depois? Desafios, riscos e fatores de estresse 8
- Fatores que aumentam a vulnerabilidade e o risco de HIV 9
- Serviços de HIV: disponibilidade e acesso 10
- Opções internacionais para uma maior proteção 10
- Abordagem de triplo nexo e comunidades religiosas 10

Parte 2: Vivendo nossa fé e aplicações práticas 12

- O acolhimento do estrangeiro: como a Igreja pode se envolver 12
- Exemplos práticos de respostas de comunidades religiosas 14
- Exemplos de apoio a pessoas que vivem com HIV 15

Parte 3: Recursos teológicos 17

- Qual é o valor da teologia diante dessa crise? 17
- Recursos disponíveis 17
- Conclusão 19

Kit de Ferramentas: HIV, migração e deslocamento forçado 20

Desenvolvimento de Estratégias 20

Princípios orientadores 22

Anexo: “Acolhendo o Estrangeiro: afirmações para lideranças religiosas." 23

Prefácio

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram durante o processo de elaboração desta obra.

Minha maior gratidão vai para as muitas pessoas que conheci e que viveram a experiência de uma vida em deslocamento, incluindo o confinamento em campos de refugiados – com todas as ramificações, complexidades e desafios que isso acarreta. Meus agradecimentos especiais vão para Gilbert Rwamaratwara e outros colegas, que realmente abriram meus olhos para o lado humano da crise de refugiados. Descobri, através de suas experiências, alguns dos desafios de sempre ser classificado como refugiado, ter negada sua cidadania e esperar anos pela possibilidade de um terceiro país no qual se reassentar e finalmente voltar a experimentar um senso de pertencimento. Por meio da pesquisa, entendi como alguns Estados exploram lacunas nas leis para se eximirem de suas responsabilidades para com os migrantes e refugiados, como compromissos que não são ratificados pelos Estados não se traduzem em ações vinculativas tangíveis, e como a realidade pode ser muito diferente das promessas feitas no papel. Uma fuga traumática em busca de segurança transforma-se em anos de espera, o tempo todo vivendo em um ambiente que a qualquer momento pode se tornar hostil.

Também descobri com as experiências dessas pessoas a sua resiliência, criatividade e dignidade. Pessoas que não buscavam caridade ou dependência, apenas o desejo de uma chance de reconstruir suas vidas em segurança. Sua coragem supera a de tantas pessoas que dão como certa e garantida sua liberdade e suas oportunidades. A jornada foi, para mim, uma lição de humildade.

Capa

Melancholy (Melancolia) — uma estátua de bronze criada por Albert György em 2012 que retrata uma figura sentada em um banco, encurvada e com um enorme vazio no centro. Localizada em Genebra (Suíça), a escultura retrata o vazio que a dor deixa, o vazio incapacitante causado pela dor e pela perda.

É um vazio que muitos migrantes e refugiados sentem.

Entre em contato conosco

Gostaríamos muito de saber como você utilizou esta ferramenta. Compartilhe suas ideias pelo e-mail HealthandHealing@wcc-coe.org.

Dra. Sue Parry

Consultora, CMI, HIV, Saúde Reprodutiva e Pandemias

Introdução

> Então os justos lhe responderão: "Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?" O Rei responderá: "Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram". (Mateus 25:37-40, grifo nosso)

A migração é um fato da vida desde os primórdios da história mundial, mas o século XXI parece caracterizar-se por um número sem precedentes de pessoas em deslocamento a nível global – seja fugindo do crescente número de guerras, conflitos e perseguições, seja buscando proteção de crises ambientais que ameaçam as necessidades básicas, seja buscando oportunidades que não estão disponíveis na sua região de origem: emprego, educação, saúde, reunificação familiar.

O fator comum a todos os que se deslocam é a perda – da casa, da identidade, de tudo o que lhes é familiar. É a perda de redes de apoio, incluindo família e amigos, bem como um mudar de cultura e, possivelmente, de idioma. É enfrentar um futuro incerto e um estatuto jurídico desconhecido; talvez um futuro caracterizado por hostilidade, estigma, discriminação e dificuldades. O próprio processo de partida pode ser repleto de perigos; alguns infelizmente nunca chegam ao seu destino, tornando-se estatísticas anônimas em algum lugar distante.

Os perigos são complexos, e grupos que já são vulneráveis de outras formas – especialmente as pessoas que vivem com HIV (PVHIV) – enfrentam muitos mais desafios, tanto durante a jornada como no país de destino. Para as PVHIV, "o contexto da migração é exacerbado pela combinação de estado de saúde e múltiplas identidades físicas, sociais e econômicas (incluindo raça, gênero e classe econômica e social), bem como suas histórias individuais e culturais. Todos esses fatores podem agravar ainda mais o acesso já limitado a recursos sociais e de saúde."[1]

A realidade da migração e do deslocamento forçado impõe a nós cristãos o desafio de nos tornarmos mais informados e conscientes, de encontrar formas adequadas e práticas de prestar ajuda e de acolher o estrangeiro entre nós. Este manual foi desenvolvido como uma ferramenta para ajudar igrejas e lideranças e comunidades religiosas a expandir seu nível de compreensão de algumas das questões envolvidas e explorar como e onde podemos responder da melhor maneira.

Este manual começa com uma história e uma exploração de por que a igreja deve se envolver, e em seguida divide-se em três partes.

A primeira parte é um sumário técnico sobre as pessoas em deslocamento: quem, por que, de e para onde, e o que vem depois? Apresentamos a terminologia envolvida e sua importância para melhor assegurar os direitos das várias pessoas descritas. Além de estatísticas, a seção explora também alguns fatores determinantes da migração e os desafios enfrentados em cada etapa da jornada, com destaque para os fatores que aumentam a vulnerabilidade e os riscos de contrair HIV. A Parte 1 também identifica alguns dos compromissos legais e "soluções" seculares para esse "problema", e como a resposta da fé agrega outra dimensão à resposta do mundo secular.

A Parte 2, intitulada Vivendo Nossa Fé, explora o tema do acolhimento do estrangeiro entre nós e como a igreja pode atuar de forma prática e significativa na resposta a algumas das necessidades expressas pelas pessoas migrantes, incluindo o desejo de aceitação, de acompanhamento e de encontrar identidade. A igreja tem a capacidade de responder a estes anseios e pode fazer uma diferença positiva. São descritos exemplos de respostas atuais inspiradoras, práticas e replicáveis.

A Parte 3 enfoca o valor da teologia nessa crise e a visão da questão dos refugiados e migrantes através dessa lente, relembrando-nos da importância de mudar a narrativa: de "nós e eles" para "todos nós". Recebemos o chamado a ouvir, aprender, ter empatia, agir em solidariedade e responder com compaixão, cuidado e acompanhamento prático. São compartilhados exemplos de recursos teológicos que apoiam nosso mandato como cristãos para responder de forma prática e, acima de tudo, com o amor autêntico de quem realmente se importa com o estrangeiro em nosso meio.

Em última instância, nosso objetivo é aumentar a conscientização, acabar com o estigma e a discriminação, oferecer acompanhamento a pessoas que buscam sentir pertencimento, que anseiam se sentir valorizadas e dignas de confiança, e devolver-lhes a esperança e a dignidade.

1. Kevin Kempe, "HIV, Health & Migration. An Intersectional Analysis of Human Rights Vulnerabilities for People Living with HIV/AIDS during the Canadian Immigration Process," (tese de mestrado, Universidade de Gotenburgo, 2017).

Quando a grama do vizinho não está mais verde, mas sim em chamas, a igreja pode fazer a diferença

Em muitos países africanos o espectro das eleições gera grande ansiedade, especialmente para as comunidades que se tornam alvo de discursos criados para fomentar a antipatia como forma de distrair as pessoas das reais dificuldades econômicas do país. O aumento das tensões nas comunidades frequentemente leva a ataques às pessoas vulneráveis.

No Zimbábue, durante a era Mugabe, pessoas de orientações sexuais diversas eram particularmente vulneráveis. A homossexualidade era ilegal no país e Mugabe era conhecido por seu desprezo das pessoas homossexuais, descrevendo-as como "piores do que porcos e cães". Na época, o Zimbábue tinha um dos piores indicadores de respeito aos direitos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer e intersexo (LGBTQI) no continente.[2] Além disso, as eleições no Zimbábue eram repetidamente marcadas por violência e deslocamentos.

Durante um desses períodos eleitorais, quando um grande número de zimbabuenses fugiu para a África do Sul, encontrei um grupo de pessoas gays que vivem com HIV morando debaixo de uma ponte perto de Joanesburgo. Expulsas de suas casas e rejeitadas por suas famílias, sem conseguir emprego e com medo de retaliação e agressão por parte de brigadas juvenis itinerantes, essas pessoas fugiram para o outro lado da fronteira na esperança de encontrar mais segurança e uma vida melhor na África do Sul.

O que encontraram foi tudo menos uma vida melhor – mas sim a xenofobia em sua plena força. Algumas das meninas e mulheres foram submetidas a "estupros corretivos" (uma forma de violência sexual grupal para "ensiná-las o que estavam perdendo em um relacionamento heterossexual"). Os homens do grupo também foram submetidos a diversas violências físicas, e todos e todas sofreram enorme estigma e rejeição. Não conseguiam encontrar onde morar e, por serem migrantes indocumentados que viviam com medo de deportação, tinham receio de procurar serviços de tratamento de HIV e terapia antirretroviral (TARV). Sua situação era desesperadora.

Então, uma igreja local soube da situação e articulou-se para ajudá-los, auxiliando o grupo a encontrar acomodação mais segura e a ter acesso aos tratamentos e serviços para HIV de que tanto precisavam. Além disso, a igreja os colocou em contato com grupos de apoio que poderiam ajudar em momentos de necessidade.

As experiências pelas quais esse grupo passou foram muito dolorosas de se ouvir, mas a ajuda que receberam de uma igreja que (por muito conservadora que fosse) lhes mostrou compaixão foi inspiradora. O cuidado sem julgamentos que receberam, em que foram vistas como pessoas de valor, deu-lhes esperança. E a esperança, por sua vez, deu-lhes motivação e a coragem para superar suas circunstâncias e, com o tempo, tornarem-se agentes de esperança para muitas outras pessoas.

Por que as igrejas devem se envolver?

Vivemos numa era de migração. É uma realidade crescente que não pode ser ignorada, pois representa pessoas forçadas a tomar decisões difíceis que mudam completamente suas vidas. São pessoas necessitadas e são nossos próximos – elas são *nós*.

As igrejas e a comunidade de fé como um todo têm um papel único a desempenhar, pois gozam da confiança das comunidades em que atuam e fazem a ponte entre as pessoas nas bases e o Estado. Há exemplos em todas as religiões e confissões de experiências de humanidade, esperança, amor e aceitação.

É nosso mandato cristão amar o próximo como a nós mesmos, mas será que reconhecemos quem é o nosso próximo? Cerca de 60% dos migrantes e refugiados acolhidos em nossos países vivem entre nós, e não em campos de refugiados. Vivemos em uma era de migração. Eles são nossos vizinhos, o próximo, o *estrangeiro* entre nós — os amigos que ainda não conhecemos e aos quais ainda não estendemos a mão.

"Organizações religiosas e da sociedade civil já se dedicam [...] a atividades que atendem às necessidades de migrantes e refugiados em risco de contrair o HIV ou que vivem com o vírus."[3] É de suma importância oferecer solidariedade, acompanhamento e dignidade às pessoas mais necessitadas.

Isso é bem reconhecido na declaração da Cúpula Humanitária Mundial de 2016:

- As comunidades e organizações religiosas ocupam uma posição única para fornecer assistência espiritual às pessoas afetadas por conflitos e desastres.
- **Conclamamos** a todos os atores que reconheçam o

2. Blessing Zulu and Ntungamili Nkomo, "In U.N. Speech, Mugabe Bashes Gays, Extends Olive Branch to Washington," website VOA Zimbabwe, 29 de Setembro de 2015, https://www.voazimbabwe.com/a/in-un-speech-mugabe-bashes-gays-extends-olive-branch-to-washington/2983586.html.

3. *Road Map: HIV among Migrants and Refugees. Strengthening Collaboration among Faith-Based Organizations, Multi-Lateral Organizations, Governments, and Civil Society addressing HIV Risk, Provision of Services, and Advocacy.* (UNAIDS et al, 2019), 4. https://www.interfaith-health-platform.org/_files/ugd/38bdff_5081057cb74f41e3b728b3a25f08eec0.pdf.

direito das comunidades necessitadas de ter acesso aos melhores serviços espirituais e que busquem colaborar com líderes religiosos e organizações religiosas para fornecer esses serviços.

- Além da assistência material e outros serviços, **comprometemo-nos**, portanto, a facilitar a assistência espiritual, que pode contribuir significativamente para o sentimento de esperança da população durante e após um desastre, proibindo, ao mesmo tempo, pressionar as pessoas a praticar qualquer religião.
- **Comprometemo-nos** a continuar a trabalhar com os governos nacionais para reconhecer e afirmar o papel da fé e das organizações religiosas na prestação de assistência baseada na fé às comunidades necessitadas.[4]

4. "Charter for Faith-Based Humanitarian Action," website Agenda for Humanity, 22 de setembro de 2016, https://agendaforhumanity.org/sites/default/files/CHARTER%20FOR%20FAITH-BASED%20HUMANITARIAN%20ACTION.pdf .

Parte 1: Informativo técnico

Pessoas em deslocamento: quem, por que, de e para onde e o que vem depois?

"A migração é entendida como o processo pelo qual as pessoas deixam, voluntária ou involuntariamente, o seu local de residência habitual, seja dentro do mesmo Estado ou atravessando fronteiras internacionais."[5]

É importante reconhecer as diferentes categorias de pessoas em deslocamento. Os níveis de proteção jurídica e direitos diferem consideravelmente entre elas, o que gera implicações significativas para as pessoas envolvidas.

Também tem implicações para aqueles que procuram responder às suas necessidades. É muito fácil ter uma visão estereotipada de todas as pessoas em deslocamento, mas a realidade é que algumas são consideravelmente mais vulneráveis do que outras e suas necessidades podem ser muito mais urgentes.

Quem: A população de migrantes é dividida em diferentes categorias:

Refugiado: Pessoa que cruzou uma fronteira, fugindo de circunstâncias e perigos que ameaçavam sua vida, e que não pode retornar. Os protocolos das Nações Unidas (ONU) concedem a essas pessoas proteção obrigatória, direitos e garantias legais, os mesmos que qualquer cidadão local.

Solicitante de asilo: Pessoa que cruzou uma fronteira internacional e busca ser reconhecida como refugiada. Essas pessoas só receberão os direitos de pessoa refugiada da ONU uma vez que seu status como tal seja confirmado. Até lá, ficam altamente vulneráveis.

Refugiado reassentado: Pessoa que fugiu de seu país para um segundo país temporário e recebeu oferta de residência permanente em um terceiro país, com proteção total.

Pessoas deslocadas internamente (PDIs): Pessoas forçadas a se deslocar dentro do próprio país. São vulneráveis a violações dos direitos humanos, mas não estão necessariamente protegidas pela legislação nacional.

Migrante: Pessoa que pode ter sido forçada a deixar o seu país de origem devido à insuficiência de serviços para atender suas necessidades básicas — abrigo, água, alimentação, segurança — ou que optou por partir em busca de melhores oportunidades, emprego ou reunificação familiar. Não tem os mesmos direitos ou proteção legal que refugiados ou cidadãos locais e pode ser repatriada à força a qualquer momento. A falta de abrigo ou emprego torna migrantes vulneráveis, especialmente se são indocumentados.

Migrante climático: Pessoa forçada a se deslocar devido a catástrofes ambientais e naturais, como tornados, ciclones, inundações, tsunamis, deslizamentos de terra, terremotos, secas e fome. Estas pessoas *não* têm direito ao status de refugiado, mas podem ter perdido tudo e estar em situação de grande vulnerabilidade. Nenhum país africano reconhece as pessoas que fogem de catástrofes naturais como "refugiados".[6]

Imigrante: Cidadão legal de um país que deseja se mudar permanentemente para outro. É um processo demorado e muitas vezes incerto de análise e solicitação de visto, frequentemente com direitos restritos a emprego e outros benefícios, e sem garantia de sucesso.

Apátrida: Pessoa que "não é considerada como nacional por nenhum Estado, segundo sua legislação".[7] Algumas pessoas apátridas também são refugiadas; isto posto, nem todos os refugiados são apátridas, e muitas pessoas apátridas nunca cruzaram uma fronteira internacional: em alguns casos, são filhos de refugiados que nasceram no país de refúgio mas tiveram sua cidadania negada – tanto pelo país de origem como de destino. Vivem em um limbo, privados de uma série de direitos básicos.

Migrante traficado: Um migrante que busca melhorar suas condições financeiras ou de vida, ou um refugiado que foge de situações terríveis, e que se torna vítima de traficantes de pessoas nesse processo. É uma categoria frequentemente ignorada, mas as pessoas nela são talvez as mais vulneráveis entre as pessoas em deslocamento.

5. Olivia Wilkinson et al., *Guide to Action on Mobilizing Faith Communities to Welcome Migrants and Refugees* (Religions for Peace, 2019), https://jliflc.com/resources/guide-to-action-on-mobilizing-faith-communities-to-welcome-migrants-refugees/.

6. Cristiano D'orsi and Gino J. Naldi, Cristiano (2022). "Climate-Induced Displacement in the Sahel: A Question of Classification,". International Review of the Red Cross 918 (Maio 2022), https://international-review.icrc.org/articles/climate-induced-displacement-in-the-sahel-classification-918.

7. Convention Relating to the Status of Stateless Persons, ONU, 1954, https://www.unhcr.org/ibelong/wp-content/uploads/1954-Convention-relating-to-the-Status-of-Stateless-Persons_ENG.pdf.

Essas distinções entre pessoas em deslocamento são de extrema importância; pessoas de algumas categorias vivem consideravelmente mais vulneráveis do que outras, e as pessoas responsáveis por atendê-las podem não estar cientes disso, tratando todas da mesma forma. A própria terminologia pode ser estigmatizante — *migrante ilegal* transmite uma imagem negativa. Pessoas que vivem com HIV podem ser encontradas em todos esses grupos, e sua vulnerabilidade pode ser diferente, especialmente quando se trata de acesso a serviços de saúde.

A dimensão do problema[8]

"Estatísticas são seres humanos cujas lágrimas não se vê porque foram enxugadas."[9] Fleming explica que os refugiados são tratados como estatísticas, o que os desumaniza e torna mais fácil propagar narrativas que estimulam o medo e a xenofobia. Ela acredita que, se não contássemos histórias individuais, haveria ainda menos empatia.

Há mais de um bilhão de pessoas em deslocamento em todo o mundo, o que significa que cerca de uma em cada oito pessoas da população mundial vive deslocada, seja dentro de seu país ou cruzando fronteiras – 3,8% da população mundial são migrantes internacionais. Dos 108,4 milhões de pessoas forçadas a se deslocar em todo o mundo, 40% são crianças menores de 18 anos – muitas delas sem ninguém que as acompanhe. Muitas outras morrem, desaparecem ou acabam sendo sequestradas ou traficadas ao longo do caminho, mas não se sabem seus números.

O ACNUR estimou, no final de setembro de 2023, que 114 milhões de pessoas haviam sido deslocadas por guerras, perseguições, violência e violações dos direitos humanos – um número sem precedentes. O tempo médio que uma pessoa deslocada passa no país de acolhimento é de 17 anos.

Estatísticas são necessárias, mas números não contam toda a história. Eles representam as vidas traumatizadas de indivíduos, famílias, membros de comunidades, pessoas separadas de suas famílias, menores desacompanhados, pessoas cujas histórias não conheceremos porque não sobreviveram à viagem ou desapareceram, e pessoas indocumentadas. Todas elas têm necessidades que vão além das carências materiais e do respeito pelos seus direitos. Elas precisam ser ouvidas, sentir um pouco de calor humano na acolhida, receber acompanhamento, reencontrar a dignidade e, acima de tudo, encontrar *esperança*.

Causas: fatores de repulsão e atração

Por quê? O que leva as pessoas a correr riscos tão extremos?

Uma pessoa ou uma família pode decidir deixar seu país devido a *fatores de repulsão*, como guerras, conflitos e falta de segurança, medo da morte, perseguição política, perseguição religiosa, pobreza, falta de oportunidades, falta de acesso a serviços básicos, e degradações e crises ambientais associados às mudanças climáticas. Uma combinação de dois ou mais destes fatores é muito comum, e os fatores podem também ser cíclicos.

A existência de *fatores de atração* no país de destino (ou a simples percepção de que estes existem) pode desencadear a decisão de deixar o próprio país. Exemplos destes fatores incluem segurança, acesso ao mercado de trabalho, acesso a oportunidades econômicas e educacionais, reunificação familiar, programas de assistência social e a possibilidade de enviar remessas para os familiares que ficaram para trás. Aqui também a decisão de migrar pode ser influenciada por uma combinação desses fatores.

Rotas e destinos

Onde: Setenta por cento das pessoas em deslocamento são acolhidas em países vizinhos. A grande maioria (85%) é acolhida em países em desenvolvimento. Na África, a maioria dos refugiados é acolhida na África Oriental e no Nordeste da África (Península Somali). Os Estados Unidos são o principal destino dos migrantes internacionais.

Sessenta por cento vivem fora dos campos de refugiados, isto é, em cidades onde podem estar trabalhando, com famílias em comunidades da diáspora ou em qualquer outro lugar. Entre as que vivem em campos de refugiados, mais da metade são mulheres e crianças.

Quando a maioria das pessoas pensa em refugiados, presume que vivem todos em campos. A realidade é que a maioria está bem no meio de nós.

Migração rural-urbana[10] e deslocamento interno

Em momentos de turbulência política, conflitos ou desastres climáticos, as populações rurais afetadas podem tornar-se deslocadas internas ao fugir dos perigos de suas áreas remotas e se dirigir para cidades mais populosas onde

8.. Estatísticas extraídas de Global Trends Report (ACNUR, 2023), https://www.unhcr.org/global-trends-report-2023.

9.. Melissa Fleming, "Building Empathy: In Conversation with Melissa Fleming," UNA-UK Magazine, edição nº 1, 2017, https://una.org.uk/magazine/1-2017/building-empathy-conversation-melissa-fleming. (A sra. Fleming é subsecretária-geral de comunicação global da ONU).

10. "The Church and Migrant Children," Footsteps 78 (2009), https://learn.tearfund.org/en/resources/footsteps/footsteps-71-80/footsteps-78/the-church-and-migrant-children.

esperam encontrar opções de serviços (especialmente cuidados de saúde para feridos e doentes). Essas pessoas tendem a se concentrar em assentamentos informais ou se estabelecer na periferia das cidades. São nessas áreas que se encontra o maior número de migrantes rurais, e onde muitas vezes se tornam vítimas de violações de direitos, discriminação e violência. Na maioria das vezes, carecem de saneamento básico e de qualquer forma de apoio, especialmente as crianças.

Muitas Pessoas Deslocadas Internamente (PDI) estão em situações semelhantes às dos refugiados e enfrentam os mesmos problemas. Há mais PDIs no mundo do que refugiados, mas *não existem leis internacionais específicas de direitos humanos* para protegê-los. Elas costumam ser muito mais vulneráveis que refugiados, pois podem ser difíceis de identificar — muitas vezes não estão em campos de refugiados — e seu deslocamento é frequentemente causado pelo próprio governo que deveria protegê-las. As agências da ONU normalmente não prestam serviços dentro das fronteiras de um país a menos que isso seja especificamente solicitado pelo governo do país. Para estes grupos, as comunidades religiosas e as organizações não governamentais (ONGs) podem ser a *única* fonte de assistência.

Destinos internacionais

Além dos deslocados internos, a grande maioria dos refugiados foge para países vizinhos. Nas regiões em desenvolvimento, oito em cada dez refugiados acabam sendo acolhidos em países vizinhos, que nem sempre têm recursos para sustentar essa população adicional.

"Em países mais distantes, a retórica política que polemiza a questão dos refugiados e migrantes tem frequentemente contribuído para o aumento da hostilidade e da xenofobia."[11] Em alguns casos, as pessoas são recusadas na fronteira e obrigadas a solicitar asilo onde quer que estejam; outras são simplesmente enviadas de volta. Muitas podem ficar retidas em fronteiras fechadas ao longo da rota.

O fechamento das rotas aéreas e terrestres, o aumento das hostilidades e as incertezas quanto ao acesso a um segundo país levam os migrantes a buscar rotas alternativas para contornar controles de fronteira – rotas que podem ser extremamente longas e perigosas. Outros recorrem a contrabandistas (cada vez mais caros) que muitas vezes se revelam ser traficantes que os exploram e extorquem. Isto torna os migrantes um grupo extremamente vulnerável: o número de mortes em seu meio disparou. Há migrantes se afogando no Mar Mediterrâneo, e muitos mais que encontram a morte em rotas terrestres extremamente perigosas, como no Deserto de Sonora, na fronteira entre os EUA e o México, na Região de Darién e, mais frequentemente, no Deserto do Saara.

A esses perigos somam-se os desafios nas fronteiras: o que antes eram operações de busca e salvamento agora se tornou proteção de fronteiras, efetivamente criminalizando as operações de resgate e abandonando pessoas desesperadas a um destino potencialmente mortal. A ideia de que reprimir contrabandistas ou destruir barcos inibe a migração não é embasada pelas evidências. "A mais perversa de todas as sugestões do ponto de vista ético é que, se os migrantes forem abandonados para morrer afogados, isso de alguma forma reduzirá seu desejo de tentar a travessia."[12]

Ao mesmo tempo, inúmeros atos diários de compaixão e solidariedade ocorrem todos os dias com refugiados e migrantes, muitas vezes liderados por comunidades religiosas que não se limitam só a tomar medidas práticas, mas também a usar sua voz para discutir a questão da proteção aos refugiados de uma perspectiva de moralidade.

O que vem depois? Desafios, riscos e fatores de estresse

Mesmo depois de chegarem e se estabelecerem em um país de acolhimento, os refugiados podem enfrentar fatores de estresse. Estes podem ser divididos em quatro categorias principais: fatores de estresse traumático, estresse de aculturação, estresse de reassentamento e estresse de isolamento. Os abordamos abaixo.[13]

Fatores de estresse traumático

- Os desafios psicossociais resultam do trauma que precipitou a necessidade ou a decisão de partir; refugiados, incluindo crianças, que fogem de guerra, violência e perseguição podem ter testemunhado eventos horríveis e sofrido violências e perigos durante a viagem. Essas experiências não são facilmente apagadas da memória, e esse trauma pode afetar o desenvolvimento emocional e comportamental de uma criança refugiada.
- Quase todos os refugiados experimentam um vazio interior criado pelo deslocamento social de tudo o que lhes era familiar e contribuía para o seu senso de identidade e valor próprio.

11. Olivia Wilkinson et al., *Guide to Action*.

12. "Without Immigrants, None of Us Would Be Here," Site *The Conversation*, 7 de maio de 2015, https://theconversation.com/without-immirants-none-of-us-wuld-be-here-41093.

13. "About Refugees", site da *National Child Traumatic Stress Network*, https://www.nctsn.org/what-is-child-trauma/trauma-types/refugee-trauma/about-refugees.

- Vida em campos de refugiados: superlotação, falta de privacidade, provisões muitas vezes inadequadas.
- Assédio por parte de autoridades locais, pares, adultos e autoridades policiais, e detenção e deportação arbitrárias.
- Experiências de preconceito, estereotipação, racismo, discriminação e estigmatização.
- Situações hostis sob a ameaça da xenofobia.
- Futuro incerto.

Fatores de estresse de aculturação

- Dificuldades para compreender diferenças culturais.
- Dificuldades para formar uma identidade integrada que inclua elementos tanto da nova cultura quanto de sua cultura de origem.
- Conflitos entre filhos e pais sobre visões culturais novas e antigas e com pares devido a mal-entendidos culturais.
- Barreiras linguísticas e (muitas vezes para as crianças) a necessidade de ser intérpretes para os membros da família que não são fluentes no idioma do país de acolhida.
- Dificuldades das crianças de se adaptar à escola.

Estresse de reassentamento

- Barreiras linguísticas.
- Dificuldades em encontrar moradia adequada, especialmente para migrantes, refugiados indocumentados e aqueles que aguardam o processamento de pedidos de asilo, que podem não ter proteção e apoio do Estado. A falta de reservas financeiras dificulta a garantia de condições de vida adequadas antes de se conseguir um emprego satisfatório. Os refugiados podem receber algum apoio do Estado, mas os migrantes muitas vezes contam com poucos (ou inexistentes) recursos econômicos até conseguirem um emprego.
- Dificuldade de encontrar emprego. Alguns países restringem ou proíbem o acesso a emprego para migrantes. Sem reservas financeiras ou assistência, sua situação pode ser grave.
- Criar filhos nestes ambientes, especialmente com recursos financeiros limitados e sem apoio social ou familiar. Dificuldade de atender às necessidades dos filhos.
- Dificuldade de saúde e de acessar serviços de saúde. A viagem pode ter comprometido a saúde. Experiências traumáticas ou estressantes aumentam os riscos, particularmente de ansiedade, depressão e transtorno do estresse pós-traumático. A barreira linguística pode limitar severamente o acesso aos cuidados de saúde necessários. O acesso aos serviços de saúde pode ser mais difícil para quem não tem status legal, e pode haver receio de serem barrados ou denunciados às autoridades como migrantes indocumentados.
- Para as pessoas que vivem com HIV, para além dos desafios de serem migrantes, há ainda mais desafios: de estigmatização, de discriminação, e de rejeição devido ao seu status sorológico. Elas têm necessidade absoluta de acesso a serviços de saúde adequados, suprimento regular de TARV e testes periódicos de carga viral.

Estresse de isolamento

- Sentimento de solidão e perda da rede de apoio social.
- Sentimento de rejeição e exclusão — viver sem aceitação, respeito, confiança e amizade.
- Estigmatização, estereotipação e discriminação.
- Experiências de assédio.
- Experiências com pessoas que não confiam em refugiados.
- Sentimentos de alienação social.
- Perda de status social.

Fatores que aumentam a vulnerabilidade e o risco de HIV

A migração e o deslocamento podem expor as pessoas a altos riscos de vulnerabilidade ao HIV. Obstáculos complexos, como pouco acesso a serviços de saúde, ausência de proteção social e a exclusão social, tornam refugiados e migrantes em grupos altamente vulneráveis ao HIV – uma vulnerabilidade que pode ser exacerbada dependendo de fatores como gênero, idade, alfabetização e tipo de trabalho.

A migração e a busca por asilo podem aumentar o risco de infecção por HIV e tuberculose (TB) devido a fatores como desorganização social, condições de vida inseguras, falta de capital social e discriminação no acesso a serviços de saúde. O resultado pode ser o diagnóstico tardio e a recusa ou abandono do tratamento.

"Se há uma condição que os refugiados conhecem melhor que a maioria das populações é a *instabilidade*. A guerra destrói hospitais, escolas, plantações e casas, destrói comunidades, separa famílias. O colapso do tecido social geralmente acelera a propagação de doenças."[14]

As taxas de infecção por HIV são particularmente elevadas ao longo das rotas de caminhões ou áreas de

14. *Refugees and HIV (Plusnews)* (ACNUR, 2007).

fronteira, onde há alta rotatividade de pessoas e o uso de drogas é mais difundido.[15] Trabalhadores migrantes transfronteiriços do sexo masculino, como motoristas de caminhão e aqueles que trabalham em minas ou na construção civil, estão mais sujeitos a contrair o HIV (não raro resultado da solidão e isolamento que enfrentam por passar longos períodos separados de seus cônjuges ou parceiras/os regulares).

A vulnerabilidade das mulheres migrantes as coloca em maior risco de infecção pelo HIV devido aos altos níveis de violência sexual, estupro e sexo por sobrevivência, todas situações nas quais não têm qualquer controle sobre o uso de preservativos.

"As crianças refugiadas podem ficar órfãs e sem acesso a educação, o que as torna vulneráveis a predadores sexuais."[16]

No entanto, migração e deslocamento não são sinônimos de vulnerabilidade ao HIV; as políticas e programas existentes voltados para migrantes e refugiados podem, na verdade, contribuir para *aumentar* o estigma e a discriminação. Esforços devem ser feitos para reduzir as barreiras aos serviços de saúde em benefício dos refugiados, migrantes e suas comunidades e para promover uma melhor resposta global ao HIV como doença."[17]

Apesar dos riscos e da suscetibilidade ao HIV serem maiores, os refugiados nem sempre apresentam taxas de infecção mais elevadas que o resto da população. Os fatores que determinam essa incidência incluem as taxas de HIV antes do conflito, a prevalência do HIV nas comunidades dos campos de refugiados, o nível de interação entre refugiados que vivem dentro e fora dos campos e entre refugiados e populações do país de acolhida, e a exposição à violência.

Pessoas que vivem com HIV e que são forçadas a fugir de suas casas devido a guerras, conflitos ou desastres naturais, ou que são detidas durante a viagem, correm alto risco de interrupção do tratamento.

Serviços de HIV: disponibilidade e acesso

Embora o acesso aos serviços de HIV deva ser gratuito, nem sempre é assim. As leis internacionais de direitos humanos e muitas constituições nacionais garantem o acesso à saúde como direito básico de todos, mas as leis nacionais podem não consagrar esses direitos. Mesmo quando o fazem, sua implementação prática acaba dependendo das atitudes e conhecimentos dos profissionais de saúde.

O acesso à TARV é apenas o começo; o tratamento é contínuo por toda a vida e requer acesso consistente à medicação e acompanhamento, bem como monitoramento regular da carga viral e tratamento para quaisquer infecções oportunistas e comorbidades. Além disso, uma alimentação adequada é essencial para garantir a máxima eficácia dos antiretrovirais. Para clientes economicamente desfavorecidos ou que dependem de caridade, isso pode ser um grande desafio.

Migrantes indocumentados que vivem com HIV podem também hesitar em tentar obter os ARV, temendo ser denunciados às autoridades de imigração pelos prestadores de serviços de saúde.

Problemas de saúde mental também são uma questão fundamental quando se trata de serviços de HIV; eles não só debilitam a pessoa afetada (e sua família), como também podem afetar sua adesão ao tratamento.

Opções internacionais para uma maior proteção

Desde 1951, foram introduzidas inúmeras convenções, protocolos e acordos regionais que se complementam em relação ao status das pessoas refugiadas. Devido à complexidade dos vários tipos de pessoas em deslocamento, a comunidade internacional firmou com dois pactos globais diferentes (não vinculativos) — um sobre migração e outro sobre refugiados — para reforçar a proteção dessas pessoas e criar uma estrutura para incentivar a cooperação internacional na busca de soluções sustentáveis para as situações dos refugiados.[18]

Abordagem de triplo nexo e comunidades religiosas

Ao mesmo tempo, uma abordagem de colaboração multisetorial (embora não seja algo novo) foi reintroduzida na Conferência Humanitária Mundial em 2016 com o nome de *triplo nexo humanitário-desenvolvimento-paz (Triplo Nexo HDP)*. A nomenclatura vem sendo adotada desde então pela ONU, governos nacionais e doadores.

O "Triplo Nexo HDP" refere-se à coordenação integrada entre os setores humanitário, de desenvolvimento e de promoção da paz. O objetivo é trabalhar em conjunto para atender de forma mais

15. *Refugees and HIV.*

16. *Refugees and HIV.*

17. Road Map*, 3.*

18. Global Compact for Safe, Orderly and Regular Migration and Global Compact on Refugees. Veja Olivia Wilkinson et al., *Guide to Action*.

eficaz às necessidades das pessoas, mitigar riscos e vulnerabilidades e avançar em direção à paz sustentável, buscando aproveitar as vantagens comparativas de cada setor.[19]

Os conceitos dos Pactos Globais apoiam essa abordagem, buscando garantir que refugiados e migrantes sejam incluídos nos planos de desenvolvimento territorial com uma abordagem sensível a conflitos para minimizar riscos, maximizar oportunidades e abordar as causas profundas do fenômeno.[20] A comunidade religiosa foi identificada como contribuinte fundamental para esses esforços, especialmente no Pacto Global sobre Refugiados.

Lideranças e organizações religiosas já desempenham múltiplas funções nesta resposta. Em termos de assistência humanitária, prestam apoio material e espiritual, oferecendo abrigo em instalações religiosas, espaços seguros para pessoas com necessidades específicas, acesso à educação e saúde e ajuda no processo de integração. Estão frequentemente na vanguarda de iniciativas de defesa dos direitos humanos, chamando a atenção para questões relativas aos direitos de refugiados e migrantes e à necessidade de oferecer mais proteções a essas pessoas.

Além disso, as comunidades religiosas combatem a xenofobia e respeitadas como mediadoras de conflitos e construtoras de paz, comprometidas em trazer justiça e reconciliação a longo prazo. Como as organizações religiosas geralmente estão localizadas dentro das comunidades que servem, elas costumam estar na linha de frente da resposta. Como tal, elas poderiam estar posicionadas *no centro* do Triplo Nexo, andando lado a lado com as pessoas refugiadas e migrantes para que todas as respostas continuem centradas nas pessoas.

Fig. 1 Refugiados e migrantes com as organizações religiosas (FBOs) no centro do Triplo Nexo.

19. Sonja Hövelmann, *Triple Nexus To Go* (Centre for Humanitarian Action, 2020).

20. Francis Rey, Beatriz Abellan, and Andres Gomez, The "*Triple Nexus Approach in the Venezuelan Migrant Crisis: Brief Analysis Report* (Institute of Studies on Conflicts and Humanitarian Action, 2022).

Parte 2: Vivendo nossa fé e aplicações práticas

O acolhimento do estrangeiro: como a Igreja pode se envolver

> O apelo a acolher o estrangeiro com proteção, compaixão, cuidado e hospitalidade é algo profundamente enraizado em todas as religiões. Em meio a guerras, conflitos e perseguições que continuam a forçar as pessoas a deixar suas casas, buscamos o apoio de lideranças religiosas e suas comunidades. Ambas são fundamentais não apenas para acompanhar e apoiar refugiados em deslocamento, mas também para tratar as causas profundas que as levaram a fugir.[21]

Aceitação

> Portanto, aceitem-se uns aos outros, da mesma forma que Cristo os aceitou, a fim de que vocês glorifiquem a Deus.[22]
>
> Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos.[23]

Uma das maiores necessidades expressa repetidamente por refugiados, migrantes e pessoas que vivem com HIV é a necessidade de se sentirem aceitos, dignos de confiança e ouvidos, e de encontrar um senso de pertencimento. Se não pudermos fazer nada mais pelos estrangeiros, que nosso único em seu prol seja então o de ser acolhedores para com eles; que os aceitemos com dignidade e respeito; que estejamos dispostos a ouvir e aprender; e que reconheçamos a importância das preocupações que expressam.

Os desafios linguísticos podem aumentar o isolamento. Uma das formas de serviço mais apreciadas, que demonstra respeito e aceitação, é oferecer tradução/interpretação e mediação cultural. Pode-se, por exemplo, acompanhar as pessoas em deslocamento no acesso a serviços jurídicos, educacionais ou de saúde, ajudá-las a preencher formulários, ou simplesmente ouvir suas necessidades mais urgentes.

Algumas igrejas oferecem aulas de idiomas para adultos e crianças e promovem discussões sobre diferenças culturais, ajudando a preencher as lacunas de compreensão.

Hospitalidade

> Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem a hospitalidade.[24]

As igrejas podem promover eventos de acolhimento, como refeições comunitárias em que as pessoas trazem um prato para compartilhar. Muitas pessoas praticam a generosidade abrindo suas casas para quem precisa até que uma solução mais permanente seja encontrada.

Há muitos exemplos de igrejas que abriram suas portas para acolher refugiados, como a Igreja Metodista do centro de Joanesburgo, na África do Sul, que acolheu centenas de refugiados que fugiam da violência política no Zimbábue. Assim como ela, igrejas em muitos outros países enfrentaram autoridades corajosamente e disponibilizaram suas instalações como portos seguros para refugiados que fugiam da perseguição, impedindo que agentes de imigração os prendessem e deportassem.

Companheirismo e apoio espiritual

Embora alguns refugiados e solicitantes de asilo tenham a possibilidade de conectar-se com outras pessoas de sua cultura, outros não têm essa oportunidade. O isolamento pode agravar os sintomas de trauma, perda e impotência. Comunidades religiosas locais podem ajudar solicitantes de asilo a encontrar novos amigos. Pessoas que enfrentam problemas profundos sozinhas podem encontrar em uma amizade atenciosa o caminho para sentir uma vez mais a sensação de ser amada e vista como um ser humano, e para apreciar a vida novamente.

Acompanhamento e solidariedade

O acompanhamento engloba solidariedade, esperança, respeito e dignidade, amizade, escuta aberta, hospitalidade, luta por justiça e o escolher o lado das pessoas pobres e marginalizadas.

Um exemplo importante ocorreu na República Centro-Africana. Com mais de um milhão de pessoas

21. "Global Faith Leaders Unite to Help Tackle Forced Displacement," Site ACNUR Chipre, 13 de abril de 2021, https://www.unhcr.org/cy/2021/04/13/global-faith-leaders-unite-to-help-tackle-forced-displacement/.

22. Romanos 15:7.

23. Colossenses 3:11.

24. Romanos 12:13.

fugindo da violência, as lideranças religiosas locais, em uma demonstração de solidariedade, lançaram uma campanha nacional pela coesão social enquanto os partidos políticos usavam a religião para dividir e manipular. As igrejas e mesquitas eram vistas com mais legitimidade que o governo, e puderam tocar profundamente o coração do país.

Identidade

> Ajude as pessoas em deslocamento a descobrir uma identidade interior que promova sua própria autonomia, em vez de uma identidade externa imposta que aumente sua vulnerabilidade e subjugação.[25]

Flexibilidade

Comunidades religiosas não estão tão limitadas em suas respostas e atividades quanto outras organizações. Igrejas podem ser flexíveis e inovadoras, entrando em ação quando necessário. Elas podem ampliar rapidamente suas respostas para lidar com situações críticas e mobilizar um exército de voluntários que não esperam receber remuneração e não medem horas extras. Entre esses voluntários podem estar pessoas com conhecimentos ou conexões necessárias para responder de forma rápida e adequada a uma crise repentina de qualquer magnitude, especialmente catástrofes climáticas.

Redes de contatos

Talvez a maior contribuição das comunidades religiosas seja suas redes de contatos e sua capacidade de oferecer às pessoas em deslocamento um senso de conexão e de que são bem-vindas em um ambiente que, em quase todas as outras dimensões, lhes é hostil. Isto é particularmente valioso quando há a necessidade de serviços mais especializados, como de saúde mental, ou dificuldades associadas ao acesso a serviços de HIV.

A maioria dos migrantes deseja ter a oportunidade de reconstruir suas vidas, e isso geralmente começa com a busca por um emprego remunerado. Isso nem sempre é possível em todos os países até que sua situação seja regularizada, o que pode levar muito tempo. Sempre que possível, procure ajudar essas pessoas a estabelecer os contatos necessários para encontrar um trabalho que não seja explorador e começar a sustentar a si mesmas e suas famílias. Aquelas cujo direito a trabalhar foi restrito muitas vezes acolhem de bom grado a oportunidade de atuar no voluntariado.

Defesa

> O estrangeiro que viver entre vocês deverá ser tratado como o nativo. Amem-no como amam a vocês mesmos, pois vocês foram estrangeiros no Egito. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês.[26]

Esteja ciente das barreiras locais no acesso a serviços, sejam elas jurídicas/legais, sociais ou culturais. Isto posto, como cristãos, as exigências da dignidade humana devem sempre vir antes do interesse nacional. Somos conclamados a proteger e ajudar as pessoas inocentes e aquelas que fogem para salvar suas vidas. A detenção prolongada de imigrantes ou a recusa de asilo vão contra as normas da justiça e da misericórdia. As igrejas podem usar sua voz, suas estruturas, suas redes e seu mandato para defender os mais vulneráveis e carentes de cuidados.

Desafie a narrativa dominante

Há uma narrativa impulsionada pela mídia que retrata todos os refugiados e migrantes como potenciais ameaças à segurança, como fardos econômicos para o Estado e como pessoas que buscam explorar o sistema de ajuda internacional.

A maioria das pessoas refugiadas deseja ser economicamente ativa, sustentar-se e contribuir para a economia do país de acolhida se lhes for dada a oportunidade. No entanto, 55% delas vivem em países onde o direito ao trabalho e à plena participação na sociedade é restrito, e são forçadas a um estado de dependência.

Desafie leis draconianas

> Erga a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados.[27]

Lute para que os direitos humanos básicos e a dignidade sejam garantidos a todos. Questione o status legal que dita que, uma vez que alguém se torna refugiado, será sempre refugiado. Em muitos países, a cidadania é persistentemente negada aos refugiados, independentemente de por quantos anos tenham vivido no país e contribuído para a economia.

Os filhos nascidos desses refugiados são em essência apátridas, e como tais privados de uma série de oportunidades. Os refugiados podem passar anos esperando pela integração ou reassentamento em um terceiro país – e, nesse ínterim, seus filhos permanecem apátridas.

Não ter cidadania significa também não ter passaporte. Embora seja possível obter um certificado de status de

25.. Daniel G. Groody, "Crossing the Divide: Foundations of a Theology of Migration and Refugees," *Theological Studies 70:3 (Setembro 2009).*

26.. Levítico 19:34.

27.. Provérbios 31:8.

refugiado do ACNUR, muitas companhias aéreas não o aceitam como documento de viagem, e muitos países não o consideram uma forma válida de identificação para fins de visto ou entrada no país.

Defenda o acesso aos serviços de saúde

Acesso aos serviços de HIV sem barreiras, sem estigma e sem mais discriminação.

Os dados de clientes de clínicas e unidades de saúde não devem ser compartilhados com departamentos de imigração ou agências governamentais de outro país. Em muitos países, migrantes e refugiados indocumentados têm medo de acessar os serviços de saúde porque tem receio – muito justificado – de serem denunciados e detidos. Isso é discriminatório do ponto de vista médico e pode funcionar como uma verdadeira barreira ao acesso a medicamentos e serviços que salvam vidas. Também pode comprometer a saúde e o bem-estar de outras pessoas, especialmente onde a tuberculose também é um risco.

Exemplos práticos de respostas de comunidades religiosas

O santuário é um tema profético de longa data nas escrituras hebraicas e cristãs, que exortam as igrejas a oferecer segurança, acolhimento, hospitalidade e solidariedade às pessoas que fogem da opressão e do perigo. Hoje, excelentes iniciativas estão sendo tomadas, tanto no âmbito das denominações quanto no âmbito ecumênico, para acolher o estrangeiro e tornar as igrejas um santuário para qualquer pessoa necessitada, especialmente aquelas que fogem da violência e da perseguição.

Novo Movimento Santuário da Filadélfia

O Novo Movimento Santuário da Filadélfia (EUA)[28] reúne pessoas de diferentes denominações e religiões para oferecer espaços seguros contra agentes de imigração para migrantes indocumentados ou com documentos alternativos.

Este movimento, iniciado por um grupo de clérigos e organizadores de comunidades de imigrantes e de apoio, surgiu em 2007 nos EUA em resposta ao crescente fervor anti-imigração, leis extremistas e ao aumento de 'batidas' pelas autoridades em locais de trabalho. Os membros do movimento buscam pôr em prática uma visão ousada e enraizada na fé para acabar com as injustiças contra todos os imigrantes e proporcionar um acolhimento extensivo e incondicional a todos.

Comissão Católica Internacional para as Migrações

A Comissão Católica Internacional para as Migrações (ICMC)[29] protege e atende pessoas desalojadas — refugiados, solicitantes de asilo, pessoas deslocadas internamente, vítimas de tráfico de pessoas e migrantes. O ministério global da ICMC está enraizado na crença de que a vida humana é sagrada porque cada pessoa é criada à imagem e semelhança de Deus, e que a dignidade e os direitos humanos de todas as pessoas deslocadas devem ser respeitados, seja qual for sua cidadania, situação de visto ou modo de chegada.

Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos

A Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos[30] emitiu inúmeras declarações apelando por políticas de imigração mais humanas, pelo fim da detenção de imigrantes no país e pela dignidade e solidariedade para com as pessoas em deslocamento.

Serviço Jesuíta aos Refugiados

O Serviço Jesuíta aos Refugiados[31] é uma organização católica internacional cuja missão é acompanhar, servir e defender os direitos das pessoas que procuram asilo, refugiados e outras pessoas deslocadas à força. Eles atuam em situações de crise aguda ou de longa duração, concentrando-se não em números, mas no valor individual e na dignidade de cada pessoa.

Suas atividades incluem campanhas por rotas mais seguras e melhores opções para pessoas que fogem da violência e da perseguição, o acolhimento de refugiados por meio de programas de apoio, a promoção da inclusão social por meio de maior engajamento entre comunidades do país de acolhida e de pessoas refugiadas, e a prestação de assistência jurídica, educação e formação para a auto-subsistência.

28. New Sanctuary Movement of Philadelphia, "Who We Are", acessado em 30 de maio de 2025, https://www.sanctuaryphiladelphia.org/who-we-are/.

29. Comissão Católica Internacional para as Migrações, "Home" (Página Inicial), acessado em 30 de maio de 2025, https://www.icmc.net/.

30. Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos, "Home" (Página Inicial), acessado em 30 de maio de 2025, https://www.usccb.org.

31. Serviço Jesuíta aos Refugiados, "Home" (Página Inicial) acessado em 30 de maio de 2025, https://jrs.net/en/home/.

Rede de Acolhimento do Serviço Jesuíta aos Refugiados – França[32]

Em 2009, o Serviço Jesuíta aos Refugiados da França lançou o projeto *Welcome Network* (Rede de Acolhimento) para ajudar solicitantes de asilo em situação de rua. Famílias e comunidades religiosas acolhem solicitantes de asilo em suas casas por um mês cada enquanto estes aguardam a inserção em um centro de acolhimento apoiado pelo Estado. Cada solicitante de asilo recebe um tutor para ajudá-lo no processo de solicitação do status de refugiado e para apoio geral.

Igrejas Acolhedoras

As *Welcome Churches* (Igrejas Acolhedoras)[33] do Reino Unido têm a concepção de que *nenhum refugiado deve ficar sozinho* e acredita que todos os refugiados devem ser acolhidos pela igreja local. Elas surgiram de uma iniciativa das organizações religiosas locais em que voluntários usavam "caixas de boas-vindas" para se conectar com os recém-chegados e oferecer apoio. Hoje é a maior organização do Reino Unido no trabalho de ajudar as igrejas a se envolverem com o tema cada vez mais urgente dos refugiados. A rede oferece treinamento para igrejas (conscientização sobre trauma, trabalho intercultural, compreensão dos sistemas jurídicos) e possui recursos em vários idiomas.

Exemplos de apoio a pessoas que vivem com HIV

Bispo católico de Gaborone, Botsuana

A Botsuana oferece assistência médica gratuita em todo o país e foi uma das primeiras nações da África a fornecer tratamento gratuito para pessoas vivendo com HIV e diversos serviços relacionados, incluindo apoio a órfãos e cestas básicas. Durante a turbulência política no Zimbábue, muitas pessoas fugiram para Botsuana, muitas das quais também viviam com HIV. O **bispo católico de Gaborone**, juntamente com sua congregação, abriu sua igreja para recebê-las, para ajudá-las a obter acesso a medicamentos críticos, e para assegurar que menores desacompanhados pudessem ter acesso a educação.[34]

Casa da Esperança Ami Tam, Vietnã

A **Ami Tam House of Hope** (Casa da Esperança Ami Tam)[35] , uma organização religiosa localizada em Ho Chi Minh, Vietnã, auxilia pessoas que vivem com HIV e seus filhos com assistência médica, alimentação, assistência psicossocial, educação e oportunidades de geração de renda. Um padre da paróquia local fundou o abrigo para mitigar a escassez de serviços para viúvas e crianças órfãs soropositivas. Administrada por voluntários da igreja e da comunidade local, a Casa da Esperança Ami Tam promove a conscientização sobre o HIV, incluindo suas fortes correlações com mulheres, migração, tráfico de pessoas e HIV no Vietnã e em Mianmar. A iniciativa criou uma atmosfera de compaixão, empatia e acolhimento dentro da igreja para as pessoas que vivem com HIV.

Austrália

Na Austrália, o movimento ecumênico **Love Makes a Way**[36] (O amor abre caminhos) reúne cristãos que praticam a desobediência civil para se oporem à detenção de crianças imigrantes.

Suíça

A **Igreja Protestante da Suíça** (IPS)[37] tem um envolvimento ativo com migrantes e refugiados. Ela publica reflexões sobre normas éticas e teológicas das políticas de migração e asilo, e participou de uma declaração inter-religiosa sobre questões relacionadas a refugiados. Membro ativo de vários órgãos civis e governamentais, a PCS também coordena a assistência pastoral em centros governamentais para refugiados e opera com uma abordagem intercultural, ecumênica e inter-religiosa.

A IPS organiza também o "Domingo Nacional dos Refugiados", um evento anual para reconhecer a coragem dos refugiados e chamar a atenção para suas questões e direitos. A organização também promove a colaboração com igrejas de migrantes para fortalecer o relacionamento entre elas e as igrejas da IPS.

32. Serviço Jesuíta aos Refugiados - Europa, "France: more than space to live, the Welcome project", 20 de junho de 2014, https://jrseurope.org/en/news/france-more-than-space-to-live-the-welcome-project/.

33. Igrejas Acolhedoras, "Our vision is for every refugee to be welcomed by a local church", acessado em 30 de maio de 2025, https://welcomechurches.org.

34. Jack Redden, "A Bishop in Botswana Plugs Part of Deadly Gap in HIV Assistance", ACNUR, 1º de dezembro de 2006, https://www.unhcr.org/news/bishop-botswana-plugs-part-deadly-gap-hiv-assistance, entre outros.

35. Adaptado de "The Church's Role in Providing for Victims of HIV in Southeast Asia", site da ICMC, 3 de maio de 2029, https://www.icmc.net/2019/05/03/the-churchs-role-in-providing-for-victims-of-hiv-in-southeast-asia/.

36. Love Makes a Way Australia, "Love Makes a Way Australia," Action Network, acessado em 30 de maio de 2025, https://actionnetwork.org/groups/love-makes-a-way-australia.

37. "Migration", Aliança Evangélica Suíça, acessado em 30 de maio de 2025, https://www.evref.ch/en/topics/migration.

A **Migrants Evangelistic Outreach Switzerland** (Extensão Evangelista a Migrantes Suíça, ou MEOS)[38] tem como objetivo mostrar o amor de Deus de maneiras práticas aos refugiados e migrantes no país. Adotando uma abordagem holística, eles oferecem apoio à integração cultural e social por meio de aulas de idiomas, acompanhando as pessoas a repartições públicas e ajudando com a burocracia, e também facilitando espaços para que suíços e migrantes possam interagir. A MEOS ensina sobre comunicação intercultural e conscientizam sobre as necessidades dos refugiados e migrantes em diferentes igrejas parceiras, e também ajuda igrejas de migrantes africanos a se integrarem na Suíça.

Bolívia

A **Viva Network**[39] trabalha em todo o mundo com redes locais comprometidas em assegurar que as crianças estejam seguras, bem de saúde e capazes de realizar o potencial que Deus lhes deu. Na Bolívia, isso inclui projetos que apoiam crianças de famílias rurais pobres que migraram para áreas urbanas em busca de uma vida melhor, que muitas vezes acabam marginalizadas. A rede tem parceria com igrejas locais e oferece suas instalações como portos seguros onde crianças e adultos migrantes podem ter acesso a educação, treinamento profissionalizante e apoio espiritual, além do exercício de seus direitos. Suas ações de conexão e engajamento são baseadas em princípios de dignidade e cuidado, com o objetivo de proporcionar esperança e promover a autonomia.

Outras iniciativas

Há um sem-número de outras iniciativas em todo o mundo que unem igrejas e comunidades religiosas em prol do apoio e da solidariedade às pessoas refugiadas e deslocadas. Muito pode ser aprendido com elas; algumas poderiam ser facilmente replicadas, e outras ampliadas. É importante ter a disposição de estabelecer redes com igrejas de outras tradições e fazer parcerias com organizações locais para assegurar que ninguém seja deixado para trás e que ninguém que precise de serviços de apoio ao HIV tenha seu acesso a eles negado.

38. "MEOS Interkulturell," MEOS, acessado em 30 de maio de 2025, https://www.meos.ch.

39. "Viva," Viva, acessado em 30 de maio de 2025, https://www.viva.org.

Parte 3: Recursos teológicos

Qual é o valor da teologia diante dessa crise?

> A teologia nos ajuda a expressar que o amor, a compaixão e a misericórdia de Deus habitam todos os lugares e espaços. A teologia contribui para nossa compreensão e experiência de reconciliação do amor e da misericórdia, e nos compele a acolher o estrangeiro como nosso próximo, nossa irmã e nosso irmão. Nossos textos sagrados nos compelem a uma resposta mais humana e ética em que todos os seres humanos são tratados e cuidados com dignidade e respeito.[40]

Nem todas as teologias cristãs incentivam o acolhimento de migrantes. Algumas se baseiam em passagens bíblicas como Romanos 13:1–7, sugerindo que o governo terreno é divinamente ordenado, que cruzar fronteiras sem documentos legais é pecaminoso e que as pessoas de fé têm responsabilidades primordiais para com suas próprias famílias e nações. Algumas teologias e tradições religiosas também podem tornar a vida extremamente difícil para migrantes que se identificam como LGBTQI.

Teólogos e teólogas[41] com experiência prática contribuíram perspectivas cruciais para esta discussão, especialmente a necessidade de ir além dos apelos à hospitalidade para enfrentar as injustiças globais que levam as pessoas a migrar.

Refugiados não são um produto exclusivo do nosso tempo. Ao longo da história e em numerosas ocasiões, tensões entre grupos cultural e etnicamente diversos e entre os direitos individuais e o poder do Estado levaram a guerras e perseguições, à expulsão e à fuga. Essas experiências estão profundamente enraizadas na memória coletiva das pessoas, e exemplos típicos delas podem ser encontrados em toda a Bíblia.

- Os irmãos de José foram para o Egito, impelidos por uma fome devastadora (Gênesis 42:1–3).
- O povo de Judá, derrotado na guerra, foi levado ao exílio longe de sua terra (2 Reis 25:21).
- José reuniu Jesus e sua mãe e fugiu na calada da noite para o Egito porque o rei Herodes buscava a criança para matá-la (Mateus 2:13–15).
- A perseguição em Jerusalém levou todos, exceto os apóstolos, a fugir para as regiões rurais da Judéia e de Samaria (Atos 8:1).

Existem muitas outras passagens bíblicas ao longo do Antigo e do Novo Testamento. Embora possamos escolher versículos isoladamente para demonstrar como é importante acolher os estrangeiros, tratá-los com bondade e generosidade e ser solidários com eles, o mais importante é demonstrar que essa tem sido a realidade do povo de Deus ao longo de nossa história. Além disso, é algo que demonstra o amor e o cuidado que Deus demonstrou por seu povo e como Deus nos conclama – nos ordena – a fazer o mesmo.

É importante ressaltar que Deus é frequentemente chamado de refúgio, fortaleza, abrigo ou rocha em quem podemos nos abrigar e encontrar santuário e segurança. Samuel 2:22 é um cântico de louvor de Davi, escrito como salmo, que descreve diversos momentos em que Davi vive a experiência do resgate, do conforto, da restauração e do acompanhamento de Deus. É um testemunho maravilhoso da fidelidade de Deus – e também um texto que desafia a cada um de nós para pensar a forma como respondemos às necessidades das pessoas ao nosso redor.

Recursos disponíveis

Muitos recursos estão disponíveis em versão impressa e online para ajudar lideranças e congregações religiosas a refletir profundamente e responder de forma adequada. Abaixo listamos alguns exemplos.

A **Baptists Together** desenvolveu o livreto *Moving Stories: The Bible and Migration* ("Histórias comoventes: a Bíblia e a migração"), com uma série de nove estudos bíblicos. O recurso está disponível em formato para download no site https://www.baptist.org.uk/Articles/494127/Moving_Stories.aspx.

A **The Bible Reading Fellowship** oferece um livreto gratuito (concebido para leitura em uma semana) contendo uma série de reflexões bíblicas baseadas nos

40.. Richard W. Bauer, "Welcoming the Stranger: A Response of Faith and Theology" (apresentação no webinário Migration and HIV in the Context of COVID-19: The Role of Faith Leaders and Communities, Interfaith Health Platform, 8 de abril de2021), https://www.interfaith-health-platform.org/_files/ugd/38bdff_4be313db17234460ad1ec3f4703b81c3.pdf.

41.. Pontifical Council "Cor Unum" and Pontifical Council for the Pastoral Care of Migrants and Itinerant People, "Refugees: A Challenge to Solidarity", apresentação, https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/corunum/documents/rc_pc_corunum_doc_25061992_refugees_en.html.

refugiados, na compaixão de Deus por eles e em como nós, como corpo de Cristo, podemos tornar possível que o estrangeiro pertença às nossas comunidades. Disponível em https://www.brfonline.org.uk/products/gods-heart-for-refugees-guidelines-sampler.

A **Boaz Trust**, uma instituição de caridade cristã que trabalha com solicitantes de asilo e refugiados, disponibiliza notas de sermões sobre o tema da compaixão para a Semana dos Refugiados (19 a 25 de junho). O sermão completo está disponível para download, juntamente com hinos e orações selecionados, em https://bit.ly/3FzxVgO.

Welcoming the Stranger: Affirmations for Faith Leaders ("Acolhendo o Estrangeiro: Afirmações para Lideranças Religiosas")**.** Em dezembro de 2012, o então Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, António Guterres, organizou um diálogo com líderes religiosos, organizações humanitárias religiosas, acadêmicos e representantes governamentais de países de todo o mundo sobre o tema da fé e proteção, afirmando que

> [...] todos os principais sistemas de valores religiosos abraçam a humanidade, o cuidado e o respeito, bem como a tradição de se conceder proteção àqueles que se encontram em perigo. Os princípios da legislação moderna em matéria de refugiados têm as suas raízes mais antigas nestes textos e tradições antigas.[42]

O resultado do diálogo foi uma recomendação para desenvolver um código de conduta para lideranças religiosas que focasse em acolher as pessoas em deslocamento e unir-se contra a xenofobia.

Em abril de 2013, uma coalizão de importantes organizações humanitárias religiosas e instituições acadêmicas redigiu o documento *Welcoming the Stranger: Affirmations for Faith Leaders*. O documento foi assinado em novembro de 2013, endossado por mais de 1.700 lideranças religiosas e membros de comunidades e organizações religiosas em todo o mundo, e lançado formalmente na 9ª Assembleia Mundial das Religiões pela Paz.

Ele inspira líderes de todas as religiões a acolher o estrangeiro com dignidade, respeito e apoio amoroso e a usar as afirmações e recursos de apoio como ferramentas práticas para promover o apoio a refugiados e outras pessoas deslocadas em suas comunidades. Download em formato multilíngue no link https://jliflc.com/wp-content/uploads/2014/07/UNHCR-and-Religious-Leaders-Welcoming-the-Stranger-2013.pdf.

Spiritual Reflection Drawn from the Parable of the Good Samaritan ("Reflexões Espirituais a partir da Parábola do Bom Samaritano")**.**[43] A parábola do Bom Samaritano (Lucas 10:25-37) é uma das mais famosas parábolas de nosso Senhor. Como acontece com grande parte das Escrituras, ela é atemporal, ecoa as realidades de hoje e nos apresenta um desafio que não pode ser ignorado.

Assim como a estrada de Jerusalém a Jericó apresentava perigos para o viajante, o mesmo ocorre com as muitas rotas de migração que atravessam desertos, florestas, rios e mares, onde os migrantes podem ser roubados, despojados de seus bens e espancados ao longo do caminho. Como disse o Papa Francisco: "'Eles deixam suas casas enganados por traficantes inescrupulosos. Em seguida, são vendidos como mercadorias. São sequestrados, aprisionados, explorados e escravizados. São humilhados, torturados, estuprados, e muitos morrem sem nunca chegar ao seu destino."[44]

Hoje, como naquela época, há aqueles que, ao se deparar com o que veem, escolhem atravessar para o outro lado da rua, justificando sua decisão de não se envolver. O Bom Samaritano, no entanto, viu um homem ferido e teve compaixão, tratando-o gentilmente como irmão. Ele não apenas o ajudou, mas o transportou para uma estalagem onde seus cuidados poderiam continuar. Nós também somos conclamados a ser o próximo de todos os navegantes de nosso tempo, a salvar vidas, curar feridas e aliviar a dor. Os migrantes devem ser "acolhidos, protegidos, promovidos e integrados", para usar as palavras do Papa Francisco. Isso não é uma solução rápida; é algo que envolve uma responsabilidade de longo prazo. Portanto, precisamos estar adequadamente preparados e entender as questões críticas. Não ignore nem se afaste daqueles que encontramos e que precisam de ajuda. Há bênçãos a serem experimentadas nessa jornada em que se caminha de mãos dadas com o próximo.

42. António Guterres, Discurso de abertura, Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados no Diálogo do Alto Comissário sobre Desafios de Proteção, Tema: Fé e proteção; apresentado em 12 de dezembro de 2012, https://www.unhcr.org/publications/high-commissioners-dialogue-protection-challenges-theme-faith-and-protection-opening.

43. Inspiração extraída de "Moment of Prayer for Migrants and Refugees" realizada em 19 de outubro de 2023 pelo Papa Francisco na Praça de São Pedro. (Libreria Editrice Vaticanam, 2023)

44. Papa Francisco, Moment of Prayer for Migrants and Refugees, Reflexão de Sua Santidade o Papa Francisco, em escultura da Praça de São Pedro, 19 de outubro de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2023/october/documents/20231019-preghiera-migranti-rifugiati.html.

Conclusão

Vivemos hoje em uma era de deslocamento de pessoas em níveis sem precedentes. A instabilidade e a fragilidade de tantos países no mundo e o número cada vez maior de desafios e crises ambientais contribuem para os fluxos de pessoas que cruzam fronteiras em busca de uma vida mais segura e previsível.

Embora a maioria dos refugiados e migrantes viaje para países vizinhos, muitos empreendem jornadas cada vez mais perigosas para países mais distantes. O crescente antagonismo em relação aos migrantes e refugiados busca negar-lhes o acesso, e muitos países adotaram políticas que tornam os deslocamentos de refugiados experiências mortais. O fechamento de rotas aéreas e terrestres e leis de imigração cada vez mais agressivas só serviram para levar as pessoas a travessias mais perigosas. Travessias marítimas e terrestres mortíferas, criminalização das pessoas e organizações que prestam apoio e a perseguição aos contrabandistas de pessoas aumentam as chances de migrantes desesperados caírem nas mãos de traficantes de pessoas e em outras situações criminosas. Isso é particularmente perigoso para menores desacompanhados, mulheres e crianças, e para as pessoas que já eram vulneráveis, como as PVHIV.

Seja qual for o motivo que levou alguém a migrar, há um ponto em comum: cada uma destas pessoas teve de deixar o que lhe era mais familiar ou precioso. Tiveram de deixar familiares e amigos, seu lar, sua identidade, sua cultura, e até mesmo seu idioma familiar – tudo o que as faz quem são e o que são. Transpor-se para um local diferente traz vários desafios e dificuldades e afeta enormemente a saúde mental – e muitas vezes também a saúde física – da pessoa. Embora o novo local possa oferecer um certo nível de proteção e, para alguns, as tão desejadas oportunidades, para todos há um sentimento de perda: uma perda de pertencimento, um isolamento interno, e um sem-número de desafios a serem enfrentados no dia a dia. Para as pessoas que vivem com HIV, há ainda outros desafios mais a serem enfrentados durante todo o processo, agravados pelo estigma, pela discriminação e pelo sentimento de rejeição que podem encontrar em muitos níveis.

As comunidades religiosas e as igrejas já estão respondendo de muitas maneiras diferentes. Elas estão acolhendo o estrangeiro, e são muitas vezes as primeiras a responder a qualquer crise. Sua presença histórica nas comunidades e sua permanência nelas – muito depois de qualquer crise passada –, seu mandato cristão de responder, seu acompanhamento e sua confiança, presente desde o princípio, são todas fontes de inspiração.

Há muito o que ser aprendido tanto com o mundo secular quanto com o religioso, mas de igual importância é o fato de que há muito a se aprender com os próprios refugiados e migrantes. Sua grande maioria, apesar do trauma e das dificuldades pelas quais passaram, compartilha o desejo comum de reconstruir suas vidas; de sustentar suas próprias famílias; de serem aceitos, valorizados e vistos com confiança, ao invés de estereotipados; e, acima de tudo, de encontrar um senso de pertencimento.

Para acompanhá-los nessa jornada, como pessoas de fé, precisamos estar presentes, ouvir, aprender, ter respeito, reconhecer sua agência, oferecer dignidade, ser práticos em nossa resposta e demonstrar o amor que abre as portas para a esperança agora e no futuro.

> Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos...? (Mateus 25:38)

Vivemos em uma época que tem sido descrita como a era da migração. O número de pessoas em deslocamento parece crescer exponencialmente a cada nova crise global. A crescente hostilidade em relação a sua presença, combinada com a retirada de redes de segurança e proteção, está piorando ainda mais a situação já desesperadora de um número cada vez maior de pessoas. O HIV é um risco sempre presente devido às vulnerabilidades das pessoas que se deslocam, e as pessoas que já vivem com o HIV enfrentam muito mais desafios do que a maioria.

Como cristãos, temos um mandato e uma responsabilidade social de acolher o estrangeiro e amar o próximo como a nós mesmos. Há um reconhecimento cada vez maior do valor da contribuição da comunidade religiosa para responder a essa crise, e também um anseio por melhores formas de trabalhar em união para maximizar o alcance e garantir que ninguém seja deixado para trás. Esse kit de ferramentas foi criado para orientar as lideranças religiosas e as igrejas que desejam responder aos desafios do HIV, dos refugiados e dos migrantes em suas congregações e em suas comunidades em geral.

O tamanho e a complexidade do problema podem dar a impressão de algo intransponível, sem possibilidade de uma solução imediata ou fácil, mas há três coisas simples que qualquer comunidade religiosa pode fazer:

- Pratiquem o acolher. Trate o estrangeiro de forma que ele se sinta acolhido e bem-vindo.
- Doem. Há muitas igrejas, congregações, paróquias e organizações que se dedicam a prestar assistência aos necessitados. Estas instituições sempre carecem de recursos financeiros, assim como de produtos básicos de consumo para todas as idades.
- Voluntariem-se. Ofereçam seu tempo e suas habilidades a organizações que atendem pessoas em deslocamento. Toda contribuição pode ser muito útil – e também uma oportunidade de aprender.

Para quem busca orientação para prestar assistência de forma mais específica, as sugestões de desenvolvimento de estratégias a seguir podem ajudar lideranças e congregações religiosas a elaborarem suas próprias respostas.

Desenvolvimento de Estratégias[45]

Realizar um retiro

Um retiro[46] é uma boa sugestão para lideranças de todos os departamentos de uma igreja que esteja se preparando para iniciar uma resposta à realidade dos refugiados e migrantes em suas comunidades. Um retiro é uma oportunidade para:

- refletir sobre quem vocês são enquanto igreja e como ela se entende e se relaciona com a questão dos refugiados e migrantes, em particular os que vivem com HIV.
- refletir teologicamente e em espírito de oração, usando textos bíblicos relacionados a refugiados, migrantes e pessoas com doenças. O que essa passagem diz para mim, em minhas circunstâncias? O que posso aprender com ela? Onde ela me desafia? Como devo reagir? Em seguida, compartilhar as reflexões individuais com o grupo e, também em espírito de oração, buscar pontos em comum no entendimento.
- observar primeiro em seus fiéis as atitudes, os medos, os estereótipos e as percepções sobre o HIV, os refugiados e os migrantes. As PVHIV locais encontram um espaço seguro em sua congregação?
- reconhecer honestamente as atitudes e as áreas em que você não tem conhecimento e compreensão suficientes.
- estar ciente de que as questões relativas a refugiados e migrantes abrangem tanto crises emergenciais quanto contínuas. Vocês estão preparados para prestar apoio sem um fim definido?
- considerar o que significará para sua igreja receber cristãos de culturas diferentes. As diferenças se tornarão barreiras, vistas como ameaças à sua maneira de fazer as coisas, ou serão vistas como uma oportunidade de experimentar a comunhão transcultural e a unidade na diversidade?
- refletir sobre como engajar-se de forma respeitosa com as pessoas da sua comunidade que são de religiões diferentes ou pessoas de boa vontade. Como é possível recebê-las e ajudá-las a estabelecer conexões com as pessoas da sua fé?

45. Esta seção e o diagrama de fluxo extraem muitas ideias práticas de *Practicing Hope. A Handbook for Building HIV and AIDS Competence in the Churches* (Sue Parry, WCC Publications, 2013).

46. Um retiro é uma reunião planejada especificamente para tornar mais fácil para um grupo afastar-se das demandas do dia a dia para um período de reflexão, discussão concentrada e pensamento estratégico sobre questões específicas e planos futuros.

Identificar uma visão

- Identifiquem uma visão compartilhada perguntando qual é a visão de cada um do que é uma igreja e uma comunidade que respondem à altura dos desafios da realidade dos refugiados e migrantes em seu meio, especialmente aqueles que ainda enfrentam outros desafios, como o HIV.
- Perguntem-se como essa visão poderia ser alcançada e descubram o que isso significaria para a igreja e seus membros.

Reconhecer oportunidades e pontos fortes

Em que pé estamos hoje? Fazer uma análise básica da situação ajuda você a entender uma série de fatores:

- Qual é o escopo do problema em sua comunidade? Como ele poderá evoluir no futuro?
- Quem são as pessoas em suas comunidades ou em sua igreja que atuam na resposta a essa questão?
- O que elas estão fazendo, como e com quem? Seu trabalho é adequado, aceitável, relevante e culturalmente apropriado? Existem lacunas? Há boas práticas a imitar ou aprender?
- Que vantagem comparativa você tem como igreja ou comunidade religiosa em relação a esses desafios?
- Que recursos podem estar disponíveis?
    - Quem tem conhecimento técnico?
    - Quem compartilhará as informações necessárias?
    - Há alguma parceira em potencial? Oportunidades de colaboração com outras partes interessadas para aproveitar sinergias e facilitar encaminhamentos?
    - Quais são as estruturas de encaminhamento, especialmente para quem precisa de cuidados médicos ou suporte mais especializado? É possível criar um banco de dados de fácil acesso com essas informações?

Identificar barreiras

- Reconheça e aceite que é provável que haja diferenças culturais e de idioma que possam dificultar o envolvimento. Trabalhe para que essas diferenças não se tornem uma barreira para a pessoa afetada.
- Dê espaço para que as PVHIV expressem suas necessidades e pergunte a elas qual é a melhor maneira de acompanhá-las nessa jornada. Seja solidário e ouça as experiências vividas. Permita que as pessoas afetadas possam gerir seus próprios programas.
- Reconheça as diferenças entre tradições religiosas e seja respeitoso. Explore como facilitar as conexões entre as pessoas afetadas e outras pessoas de sua fé.

Juntar ideias, priorizar soluções, planejar ações

As ações a seguir são apenas sugestões de medidas que podem ser tomadas por lideranças religiosas juntamente com suas congregações e as comunidades, e como tal não têm a intenção de ser prescritivas. A primeira prioridade de qualquer ação é não causar danos. Toda e qualquer resposta precisa ser genuína, sem vieses que priorizem qualquer uma das partes, livre de proselitismo e respeitosa da dignidade de cada pessoa.

- **Conscientize a igreja**. Tenha como objetivo tornar-se uma igreja acolhedora e um local seguro, livre de estigma e discriminação. Incentive os membros da comunidade religiosa a contestar quaisquer comentários indelicados e rudes sobre imigrantes que ouvirem. Combata não apenas o estigma, mas também o racismo e a xenofobia.
- **Fale sobre o HIV e os desafios enfrentados por migrantes e refugiados** em sermões, orações e estudos bíblicos.
- **Use o Dia Mundial do Refugiado (20 de junho) para criar empatia e compreensão** sobre a difícil situação dos refugiados e reconhecer a resiliência que demonstram para reconstruir suas vidas. Organize uma série de reflexões, usando histórias da Bíblia para refletir em espírito de oração, alcançar a compreensão e expressar empatia e solidariedade.
- O **Dia Mundial da AIDS (1º de dezembro)** também pode ser um momento para se juntar a outras pessoas em todo o mundo para demonstrar apoio às pessoas que vivem com o HIV e são afetadas por ele, e para lembrar aqueles que perderam suas vidas devido à AIDS. Aproveite essa oportunidade para refletir, oferecer estudos bíblicos contextuais e aprender.
- **Capacite** a equipe e os voluntários da igreja por meio de palestras, workshops e filmes informativos.
- Solicite o **apoio das lideranças da comunidade** onde os refugiados estão sendo recebidos.
- **Convide as principais pessoas e organizações** envolvidas na resposta às pessoas em deslocamento para falar com a congregação e responder perguntas.
- **Peça às pessoas ou famílias afetadas** que falem sobre suas experiências para permitir que as pessoas as entendam melhor e se conectem emocionalmente com os recém-chegados.

- **Envolva-se com os jovens** como participantes ativos. As congregações podem desempenhar um papel especial ao incentivar e empoderar jovens lideranças e jovens cuidadores para que participem do diálogo.
- **Crie um banco de dados** de membros da congregação com habilidades relevantes (incluindo idiomas falados) que possam estar preparados para ajudar.
- **Crie espaços de participação significativa** que
  - envolvam os refugiados e priorizem as necessidades de diferentes grupos de refugiados
  - estabeleçam como os refugiados analisam e respondem a suas situações
  - reconheçam as capacidades e a autonomia decisória dos refugiados
  - ajudem a determinar o tipo de apoio que os refugiados desejam receber
- **Forneça assistência prática** como forma de solidariedade e apoio, não como caridade.
- Incentive a criação de **grupos de apoio** para pessoas, famílias e amigos afetados.
- Ofereça as **instalações da igreja** para serviços como assessoria jurídica, aconselhamento, aprendizado de idiomas, assistência com documentação ou centro de recreação para crianças, para que as pessoas possam acessar mais facilmente esses apoios práticos.
- Considere a possibilidade de iniciar um **programa de acompanhamento** com membros sensibilizados da congregação ou da comunidade. Encontre maneiras de se envolver discretamente para oferecer solidariedade, um ouvido atento e amizade. Inclua os migrantes e ajude-os a se integrarem à sociedade. Tentar aprender algumas palavras de seu idioma.
- **Rede de contatos.** Talvez a maior contribuição das comunidades religiosas esteja em suas redes, que permitem que as pessoas em deslocamento se conectem e encontrem acolhimento em um ambiente que, de outra forma, seria hostil.
- **Colabore e estabeleça parcerias** com organizações religiosas, organizações multilaterais, governos e a sociedade civil, sempre que possível, para tratar os riscos, prestar serviços e promover ações de defesa de direitos e programas centrados nas necessidades do indivíduo.
- **Faça advocacy** – use a voz coletiva da igreja para defender os direitos dos migrantes e refugiados, especialmente quando estiverem sendo negados. Assuma a linha de frente e desafie as injustiças. Questione o status atribuído aos refugiados em países que lhes negam a cidadania

Medir o progresso, aprender e compartilhar

Observe e avalie: Você está no caminho certo? No andar atual das coisas, o que você precisaria mudar na forma como está fazendo as coisas? Você está causando impacto suficiente?

Princípios orientadores

- Não causar danos
- Atuar de forma relevante e sensível às diferenças culturais
- Acompanhar, ser solidário, oferecer ajuda e apoiar quando solicitado
- Não tentar consertar as pessoas ou seus problemas
- Fazer tudo com amor e cuidado genuínos no espírito de Jesus
- Restaurar a dignidade e a esperança

Anexo: "Acolhendo o Estrangeiro: afirmações para lideranças religiosas."[47]

Um valor fundamental de minha fé é acolher o estrangeiro, o refugiado, o deslocado interno, o outro. O tratarei como gostaria de ser tratado. E desafiarei outras pessoas, até mesmo as lideranças da minha comunidade religiosa, a fazer o mesmo.

Juntamente com lideranças religiosas, organizações religiosas e comunidades de consciência em todo o mundo, afirmo:

Acolherei o estrangeiro.

Minha fé ensina que a compaixão, a misericórdia, o amor e a hospitalidade são para todos: os nascidos no país e os nascidos no estrangeiro, os membros de minha comunidade e os recém-chegados.

Recordarei e farei os membros de minha comunidade recordar que todos nós somos considerados "estrangeiros" em algum lugar, que devemos tratar os estranhos em nossa comunidade como gostaríamos de ser tratados, e que devemos desafiar a intolerância.

Recordarei e farei outras pessoas em minha comunidade recordar que ninguém deixa sua terra natal sem um motivo: alguns fogem por causa de perseguição, violência ou exploração; outros por causa de desastres naturais; outros ainda por amor, para proporcionar uma vida melhor para suas famílias.

Reconheço que todas as pessoas têm direito à dignidade e ao respeito como seres humanos. Todas as pessoas em meu país, inclusive as estrangeiras, estão sujeitas a suas leis, e ninguém deve ser submetido a hostilidade ou discriminação.

Reconheço que acolher o estrangeiro às vezes exige coragem, mas que as alegrias e as esperanças de fazê-lo superam os riscos e os desafios.

Apoiarei outras pessoas que tenham coragem de acolher o estrangeiro.

Oferecerei hospitalidade ao estrangeiro, pois isso traz bênçãos para a comunidade, para minha família, para o estrangeiro e para mim.

Respeitarei e honrarei o fato de que o estrangeiro pode ser de uma fé diferente ou ter crenças diferentes das minhas ou de outros membros da minha comunidade.

Respeitarei o direito do estrangeiro de praticar sua própria fé livremente.

Procurarei criar um espaço onde ele ou ela possa adorar livremente.

Falarei de minha própria fé sem desprezar ou ridicularizar a fé alheia.

Construirei pontes entre mim e o estrangeiro. Por meio de meu exemplo, incentivarei outras pessoas a fazer o mesmo.

Farei um esforço não apenas para receber o estrangeiro, mas também para ouvi-lo profundamente e para promover a compreensão e o acolhimento em minha comunidade.

Defenderei a justiça social para o estrangeiro, assim como faço para os outros membros de minha comunidade.

Quando vir hostilidade contra o estrangeiro em minha comunidade, seja por meio de palavras ou ações, não a ignorarei, e me esforçarei para estabelecer um diálogo e facilitar a paz.

Não ficarei calado quando vir outras pessoas – ainda que sejam lideranças de minha comunidade religiosa – falando mal de estrangeiros, julgando-os sem conhecê-los, ou quando os vir sendo excluídos, injustiçados ou oprimidos.

Incentivarei minha comunidade religiosa a trabalhar com outras comunidades e organizações religiosas para encontrar melhores maneiras de ajudar o estrangeiro. Acolherei o estrangeiro.

47. ACNUR, "Welcoming the Stranger."

As comunidades religiosas de todo o mundo se veem hoje cada vez mais confrontadas com a realidade de migrantes, refugiados e solicitantes de asilo que recorrem à igreja como local de refúgio, em enorme necessidade e desespero e em igualmente enormes números.

O que impulsiona as pessoas a cruzar fronteiras? Que circunstâncias moldam essas jornadas? E como devemos reagir?

O recurso "HIV, migração e deslocamento forçado: O que a igreja pode fazer?" oferece um resumo técnico com dados e percepções sobre os já bem estabelecidos fatores de atração e repulsão que influenciam a migração. Para além de estatísticas, o documento traz um convite a lideranças e comunidades religiosas para que reflitam profundamente sobre o que significa incorporar a compaixão e a hospitalidade na resposta aos movimentos de pessoas.

O documento inclui ainda um Kit de Ferramentas que combina reflexões teológicas e ferramentas práticas para ajudar as igrejas a se prepararem de forma deliberada e a se envolverem ativamente no ministério sagrado do acolhimento ao estrangeiro.

World Council of Churches

www.oikoumene.org

worldcouncilofchurches
@worldcouncilofchurches
@oikoumene
wccworld

Religião/Saúde/HIV

9 782825 419335